



COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
Curso de licenciatura em Geografia

Daniel de Mesquita Pereira

Explorando a Terra-Média:

Identificando as possibilidades didáticas de O Atlas da Terra-média
para o ensino de Geografia e Cartografia

Rio de Janeiro
2026

Daniel de Mesquita Pereira

**Explorando a terra-média: Identificando as possibilidades didáticas de O
Atlas da Terra-média para o ensino de Geografia e Cartografia**

Trabalho de Conclusão de Curso em
formato de produto pedagógico
apresentado ao Curso de Licenciatura
em Geografia do Colégio Pedro II,
como requisito parcial para graduar-se
em licenciatura em Geografia.

Orientador: Professor M.e Bruno Lins
Quintanilha

Rio de Janeiro

2026

Daniel de Mesquita Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada por Suria Braga Alves (CRB7 nº6490),
bibliotecária do Colégio Pedro II, Campus Realengo II.

P436e

Pereira, Daniel de Mesquita

Explorando a Terra-Média: identificando as possibilidades didáticas
de O Atlas da Terra-média para o ensino de Geografia e Cartografia /
Daniel de Mesquita Pereira – Rio de Janeiro: [s.n.], 2026.
36 p.

Orientador: Prof. Me. Bruno Lins Quintanilha.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Colégio Pedro II, Curso
de Licenciatura em Geografia.

1. Geografia (Ensino Fundamental) - Estudo e ensino. 2. Cartografia -
Estudo e ensino. 3. Atlas. I. Quintanilha, Bruno Lins (Orientador). II.
Colégio Pedro II. III Licenciatura em Geografia. IV. Título

CDD 372.891

Explorando a Terra-média: Identificando as possibilidades didáticas de O Atlas da Terra-média para o ensino de Geografia e Cartografia

Trabalho de Conclusão de Curso em
formato de produto pedagógico
apresentado ao Curso de Licenciatura
em Geografia do Colégio Pedro II,
como requisito parcial para graduar-se
em licenciatura em Geografia.

Aprovado(a) em: ____/____/____.

Banca Examinadora:

M.e Bruno Lins Quintanilha
Colégio Pedro II

M.e Adérito Picamilho Pimenta
Colégio Pedro II

Dr. Rafael Luiz Leite Lessa Chaves
Colégio Pedro II

RESUMO

Esta pesquisa utiliza O Atlas da Terra-média de Karen Wynn Fonstad como ferramenta pedagógica para o ensino de geografia e cartografia no 1º ano do Ensino Médio. O objetivo é desenvolver um guia de atividades que estabeleça paralelos entre o universo ficcional de Tolkien e os conteúdos curriculares, articulando o rigor cartográfico da obra com seu potencial lúdico. A pesquisa estrutura-se em três etapas: revisão bibliográfica; estabelecimento de paralelos entre a ficção e os conceitos geográficos a partir do Atlas, da BNCC e do PPPI do Colégio Pedro II; e elaboração do produto educacional. Como resultado, são propostas quatro atividades: Climas em Diálogo, que compara climas da Terra-média com equivalentes reais; Relevo em Foco, que investiga a influência de montanhas, planaltos e planícies nas atividades humanas; Geógrafos em Missão, que analisa transformações da cobertura vegetal por fatores naturais e antrópicos; e Medindo a Terra-média que trabalha escala cartográfica e conversão de unidades de medida. As atividades estão alinhadas às diretrizes do PPPI do Colégio Pedro II e às competências da BNCC. Conclui-se que a Terra-média, por sua relevância cultural e riqueza em detalhes que podem vir a ser trabalhados em sala de aula, constitui um recurso pedagógico que integra o imaginário ficcional ao ensino de Geografia e Cartografia, podendo vir a torná-los mais significativos.

Palavras chave: Geografia; Cartografia; Terra-média; Ensino.

ABSTRACT

This work investigates Karen Wynn Fonstad's Atlas of Middle-earth as a pedagogical tool for teaching Geography and Cartography in the 1st year of High School (10th Grade). The objective is to develop an activity guide that establishes parallels between Tolkien's fictional universe and curricular content, articulating the work's cartographic rigor with its playful potential. The research is structured in three stages: bibliographic review; establishing parallels between fiction and geographic concepts based on the Atlas, the BNCC, and the PPPI of Colegio Pedro II; and the development of the educational product. As a result, four activities are proposed: Climates in Dialogue, which compares climates of Middle-earth with real-world equivalents; Landforms in Focus, which investigates the influence of mountains, plateaus, and plains on human activities; Geographers on a Mission, which analyzes transformations in vegetation cover due to natural and anthropic factors; and Measuring Middle-earth, which works with cartographic scale and the conversion of units of measurement. The activities are aligned with the guidelines of the PPPI of Colégio Pedro II and the competencies of the BNCC. It is concluded that Middle-earth, due to its cultural relevance and richness in details that can be explored in the classroom, constitutes a pedagogical resource that integrates the fictional imagination with the teaching of Geography and Cartography, potentially making the learning process more meaningful.

Keywords: Geography; Cartography; Middle-earth; Teaching.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	6
2.REFERENCIAL TEÓRICO.....	7
3.METODOLOGIA.....	9
4.PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	11
 <u>ATIVIDADE 1: CLIMAS EM DIÁLOGO: FICÇÃO E REALIDADE.....</u>	 11
 <u>ATIVIDADE 2: RELEVO EM FOCO: COMO O CHÃO SOB NOSSOS PÉS MOLDA O MUNDO.....</u>	 17
 <u>ATIVIDADE 3: GEÓGRAFOS EM MISSÃO: DIAGNÓSTICO AMBIENTAL DA TERRA-MÉDIA.....</u>	 20
 <u>ATIVIDADE 4: MEDINDO A TERRA-MÉDIA: ESCALA, CONVERSÕES E A MUTABILIDADE DAS UNIDADES.....</u>	 22
 <u>CONCLUSÃO.....</u>	 24
 <u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</u>	 26
 <u>ANEXOS.....</u>	 28

1. INTRODUÇÃO

Os professores de Geografia enfrentam o constante desafio de tornar conceitos geográficos e cartográficos acessíveis e atraentes para alunos do ensino médio, especialmente no primeiro ano, período marcado pela transição entre ciclos e pela necessidade de consolidar habilidades cartográficas e geográficas. Embora a base da alfabetização cartográfica seja introduzida no sexto ano, é tradicionalmente no primeiro ano do ensino médio que a disciplina é reinserida no currículo com um nível significativamente maior de complexidade¹. Geralmente, as aulas típicas possuem apenas mapas políticos e físicos do mundo real, recursos que, embora essenciais, nem sempre captam o interesse dos estudantes. Para mim, no entanto, mapas sempre foram mais que ferramentas: eram portas para mundos imaginários. Cresci fascinado por outros mundos e histórias extraordinárias. Ao descobrir *O Senhor dos Anéis*, obra clássica da fantasia escrita por J.R.R. Tolkien, consegui me aprofundar mais nesse meu interesse. Foi nessa jornada que encontrei o trabalho de Karen Wynn Fonstad, professora de geografia e cartógrafa que, em 1981, uniu duas das minhas grandes paixões: mapas e fantasia. Com base nas detalhadas descrições de Tolkien, ela cartografou a Terra-média. Seu atlas tornou-se, assim, a inspiração fundamental para este trabalho.

Minha paixão por esse universo não é apenas pessoal, é também pedagógica. Acredito que quando um professor compartilha com seus alunos aquilo que genuinamente o mobiliza, como no meu caso, os conceitos contidos na literatura e em demais formas de consumir cultura sejam filmes e/ou jogos, o ensino deixa de ser um exercício distante para se tornar uma experiência compartilhada.

A escolha do Atlas enquanto recurso justifica-se por três motivos:

- A) Relevância Cultural e Acadêmica da Obra: A escolha do universo de Tolkien fundamenta-se em sua consagrada relevância como fenômeno cultural e literário há várias décadas². Sua presença continua em livros, filmes aclamados e jogos populares

¹ A seleção dos eixos temáticos - clima, relevo, vegetação e escala - para as atividades propostas nesta proposta pedagógica alinha-se diretamente aos conteúdos estruturantes tradicionalmente trabalhados no primeiro ano do Ensino Médio. Tais conceitos, conformes delineados no Projeto Político-Pedagógico Institucional do Colégio Pedro II (2018) e na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), constituem a base do eixo “O Espaço Geográfico e suas Representações e são fundamentais para a construção do pensamento geográfico inicial nessa etapa de consolidação.

² A relevância de Tolkien para este trabalho é tríplice: 1) Literária/Acadêmica: Sua obra é objeto de estudo em diversas disciplinas, atestando sua profundidade (LIBRARYTHING, sem data); 2) Cinematográfica/cultural: Os filmes são um fenômeno cultural duradouro, garantindo um imaginário visual compartilhado (DW, 2021); 3) Digital/contemporânea: Os jogos mantêm a obra viva na cultura pop atual (TECMUNDO, 2022). Esse trânsito entre mídias a torna uma referência estável e rica para o estudo, indo além da mera popularidade momentânea.

o consolida como um repertório compartilhado e rico, ideal para criar analogias geográficas significativas e engajar os alunos criticamente (TAVARES, 2023);

B) Rigor acadêmico: Fonstad aplica convenções cartográficas reais (escala, projeções, legendas) ao mundo fictício, validando seu uso didático (Fonstad, 2022);

C) Alinhamento curricular: A BNCC (2018) enfatiza a necessidade de “diversas linguagens cartográficas e as formas de representação espacial” (EM13CHS106).

Este produto educacional tem como objetivo propor a utilização desse atlas como ferramenta pedagógica para ensinar geografia por meio da cartografia. Baseado no universo de Tolkien, a obra não apenas reproduz mapas ficcionais com rigor técnico, mas também pode oferecer analogias potentes para discutir temas geográficos reais como relevo, climas, fronteiras e rotas de migração³.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A alfabetização cartográfica no ensino de Geografia vai além da simples leitura de mapas, envolvendo o desenvolvimento de competências para interpretar e representar o espaço geográfico. Conforme argumentam Pissinati e Archela (2010), é fundamental desenvolver nos alunos a capacidade de leitura do mundo, permitindo que compreendam diferentes realidades através das representações cartográficas. A BNCC (2018) reforça essa perspectiva ao destacar a importância de trabalhar “formas de representação e pensamento espacial”, enfatizando o uso de diversas linguagens.

Diante disso, reforça-se a importância de tornar o ensino da Geografia e da Cartografia mais atrativo e, conseqüentemente, mais significativo para o aluno. Isso porque, segundo Pissinati e Archela (2010), a própria compreensão do mapa é capaz de promover um salto qualitativo no pensamento espacial do estudante. O produto aqui desenvolvido visa ser um possível catalisador dessa mudança, ao oferecer uma abordagem que se distancia do modelo tradicional, mas sem perder o rigor técnico.

Nesse contexto, o uso de recursos lúdicos como O Atlas da Terra-média de Karen Wynn Fonstad (2022) apresenta-se como possibilidade de abordagem que rompe um pouco com o tradicional. Como destacado por Fabrício (2020), os mundos ficcionais permitem que os alunos se envolvam afetivamente com os conteúdos geográficos, transformando-se em

³ A menção a temas como fronteiras e rotas de migração, além de relevo e clima, evidencia o potencial amplo de O Atlas da Terra-média como recurso pedagógico. Embora este produto educacional foque em conteúdos tradicionais do primeiro ano do Ensino Médio segundo o currículo do Colégio Pedro II e do currículo elaborado pela secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, a obra de Fonstad permite explorar diversos outros eixos temáticos da Geografia, como geopolítica, dinâmicas populacionais e conflitos territoriais, demonstrando a versatilidade da ferramenta para além dos objetivos específicos deste trabalho.

agentes ativos do processo de aprendizagem. A autora demonstra como os estudantes podem assumir o papel de mapeadores, criando suas próprias representações cartográficas inspiradas em universos imaginários.

O Atlas da Terra-média, em particular, pode oferecer variadas possibilidades para o trabalho pedagógico. Desenvolvida por uma professora de geografia e cartografia, a obra aplica convenções técnicas rigorosas a representação do mundo criado por J.R.R Tolkien. Kakuta (2002) ressalta a importância de se trabalhar com diferentes tipos de linguagens cartográficas e o atlas proporciona exatamente essa variedade, desde mapas políticos até representações de migrações detalhadas.

A relação entre o lúdico e o ensino de Geografia encontra respaldo em Tavares (2023), que demonstra como a fantasia pode desenvolver a capacidade de entender a organização espacial e a cidadania. Os autores argumentam que, ao criar mapas de mundos imaginários, os alunos exercitam habilidades essenciais para compreender a organização espacial das sociedades reais. Para além da Base Nacional Comum Curricular, esta pesquisa busca ancorar-se em um currículo de excelência e tradição, como o do Colégio Pedro II. O PPPI da instituição (2018) não apenas elege a produção cartográfica como estratégia metodológica recorrente, mas a vincula ao desenvolvimento do pensamento geográfico e ao estímulo do protagonismo discente. Dessa forma, a proposta aqui apresentada alinha-se a um referencial que valoriza a inovação pedagógica e a formação crítica, legitimando como um caminho válido e consistente para se alcançar os objetivos da Geografia escolar.

Neto (2021) contribui para essa discussão ao diferenciar o “ensino do mapa” do “ensino pelo mapa”. Enquanto o primeiro foca nas técnicas cartográficas, o segundo utiliza os mapas como ferramentas para compreender a organização do espaço. O Atlas da Terra-média pode vir a permitir essa segunda abordagem, servindo como meio para discutir conceitos geográficos complexos de forma acessível e engajadora.

Quintanilha (2021) explora em sua pesquisa as possibilidades do mapeamento participativo na educação geográfica, método que encontra paralelo na proposta de utilizar o atlas como ponto de partida para atividades cartográficas criativas.

A BNCC (2018) reforça a relevância dessas abordagens ao incluir entre suas competências específicas a necessidade de “desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas”. Essa diretriz válida o uso de recursos como O Atlas da Terra-média, que oferece múltiplas possibilidades para trabalhar tanto os aspectos técnicos da cartografia quanto sua aplicação na compreensão da organização espacial.

Esta fundamentação teórica consolida a proposta de O Atlas da Terra-média como uma ponte consistente entre a pesquisa educacional atual e as diretrizes curriculares. A obra de Fonstad (2022) se destaca por integrar de forma orgânica os fundamentos cartográficos e geográficos ancorados em um universo ficcional de reconhecida relevância cultural. Essa articulação pode configurar como uma ferramenta pedagógica que emprega um imaginário rico e compartilhado para estabelecer analogias consistentes, podendo promover uma aprendizagem significativa e crítica dependendo de como o docente a usar.

3. METODOLOGIA

Para o cumprimento do objetivo de elaborar uma proposta pedagógica de utilização do Atlas da Terra-média, esta pesquisa adotou uma metodologia estruturada em três eixos principais: A revisão bibliográfica para a fundamentação teórica; o estabelecimento de paralelos com a Geografia e Cartografia Escolar a partir das fontes primárias (O Atlas da Terra-média), que direcionou a elaboração das atividades; a concepção e elaboração do produto educacional, etapa de sistematização final. Os procedimentos detalhados de cada eixo serão expostos a seguir.

3.1. Revisão Bibliográfica:

Realizou-se um levantamento da produção acadêmica recente sobre o ensino de cartografia e o uso de recursos lúdicos na educação geográfica. Foram consultados autores como Pissinati e Archela (2007), Katuta (2002), Fabricio (2020), Tavares (2023) e Neto (2021), cujas contribuições foram essenciais para compreender os desafios da alfabetização cartográfica e as potencialidades de abordagens inovadoras, como a utilização de mundos ficcionais em sala de aula.

3.2 Estabelecimento de Paralelos com a Geografia e Cartografia Escolar:

Procedeu-se a leitura minuciosa de três fontes documentais para a pesquisa:

- A) O Atlas da Terra-média (Fonstad, 2022): a obra foi examinada enquanto objeto cartográfico e pedagógico. A leitura concentrou-se na identificação de mapas e elementos geográficos das narrativas de O Hobbit e O Senhor dos Anéis que pudessem ser transpostos didaticamente para o ensino de conceitos cartográficos e geográficos, tais como escala, relevo, clima e vegetação. A seleção priorizou os

mapas que melhor se prestassem a essa transposição, além dessas especificidades relativas ao primeiro ano do ensino médio já explicadas na primeira nota de rodapé.

- B) Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018): a consulta do documento curricular com o propósito de identificar e articular as competências específicas e habilidades da Geografia no Ensino Médio ao produto educacional, garantindo sua relevância e aplicabilidade no contexto educacional atual. A competência 5 e a habilidade EM13GEO305, que tratam do uso de linguagens cartográficas, foram centrais para essa articulação.
- C) Projeto Político Pedagógico Institucional do Colégio Pedro II (COLÉGIO PEDRO II, 2018): a consulta ao documento teve como propósito fundamentar o produto não apenas nos conteúdos programáticos, mas também na visão de ensino da Geografia defendida pela instituição. Para o Ensino Médio, o PPPI orienta que os conteúdos sejam trabalhados a partir de recortes temáticos que articulem múltiplas escalas e aprofundem a compreensão da interação entre dinâmicas sociais e sistemas naturais, com o objetivo de construir ferramentas para que o estudante compreenda e dialogue com os diferentes tipos de sociedades. O trabalho centrou-se no programa da 1ª Série, no eixo “O Espaço Geográfico e Suas Representações”, que estabelece como conteúdo “A cartografia como instrumento de representação do espaço geográfico” e destaca “os mapas como visões de mundo”. Essa diretriz reforça o entendimento da cartografia como um instrumento da realidade, e não uma técnica neutra. Dessa forma, as orientações do PPPI foram essenciais para guiar a seleção e a abordagem dos temas, garantindo que o produto contribua para a construção de uma visão de mundo mais ampla e complexa pelo estudante, conforme almeja o currículo.

3.3 Concepção e Elaboração do Produto Educacional:

A etapa final constitui na sistematização das possibilidades de atividades em formato de guia de aplicação pedagógica. A seleção dos conteúdos foi orientada pelas diretrizes do Projeto Político-Pedagógico Institucional do Colégio Pedro II (COLÉGIO PEDRO II, 2018) para a 1ª série do Ensino médio, com foco nos eixos “O Espaço Geográfico e Suas Representações” e “A Natureza, a Sociedade e as Questões Ambientais”.

A metodologia adotada, fundamentada na pesquisa bibliográfica e leitura documental, permitiu a construção de um produto educacional que articula o rigor acadêmico e curricular ao potencial imaginativo e lúdico de O Atlas da Terra-média. Como resultado, oferece aos

educadores um recurso para tentar ajudar o ensino de Geografia e Cartografia mais significativo e atraente no contexto da educação básica.

4. PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Atividade 1: Climas em Diálogo: Ficção e Realidade

Objetivos de Aprendizagem:

Compreender os principais fatores determinantes do clima (latitude, continentalidade, massas de ar, relevo e correntes marítimas);

Estabelecer relações de analogia entre as regiões climáticas da Terra-média e regiões geográficas reais do nosso planeta;

Desenvolver a capacidade de leitura e interpretação de mapas temáticos climáticos.

Metodologia e Procedimentos:

A atividade será desenvolvida em três etapas sequenciais, com duração total estimada de 1 hora e 20 minutos (2 tempos de aula do Colégio Pedro II⁴)

Materiais Necessários:

Cópia do mapa climático da Terra-média (FONSTAD, 2022);

Mapa climático mundial (IBGE, 2023);

Texto com os principais conceitos da fundamentação climática da Terra Média (Anexo 1⁵);

Material referente as aulas anteriores sobre Elementos e Fatores do Clima.

Mapa Climático da Terra-Média

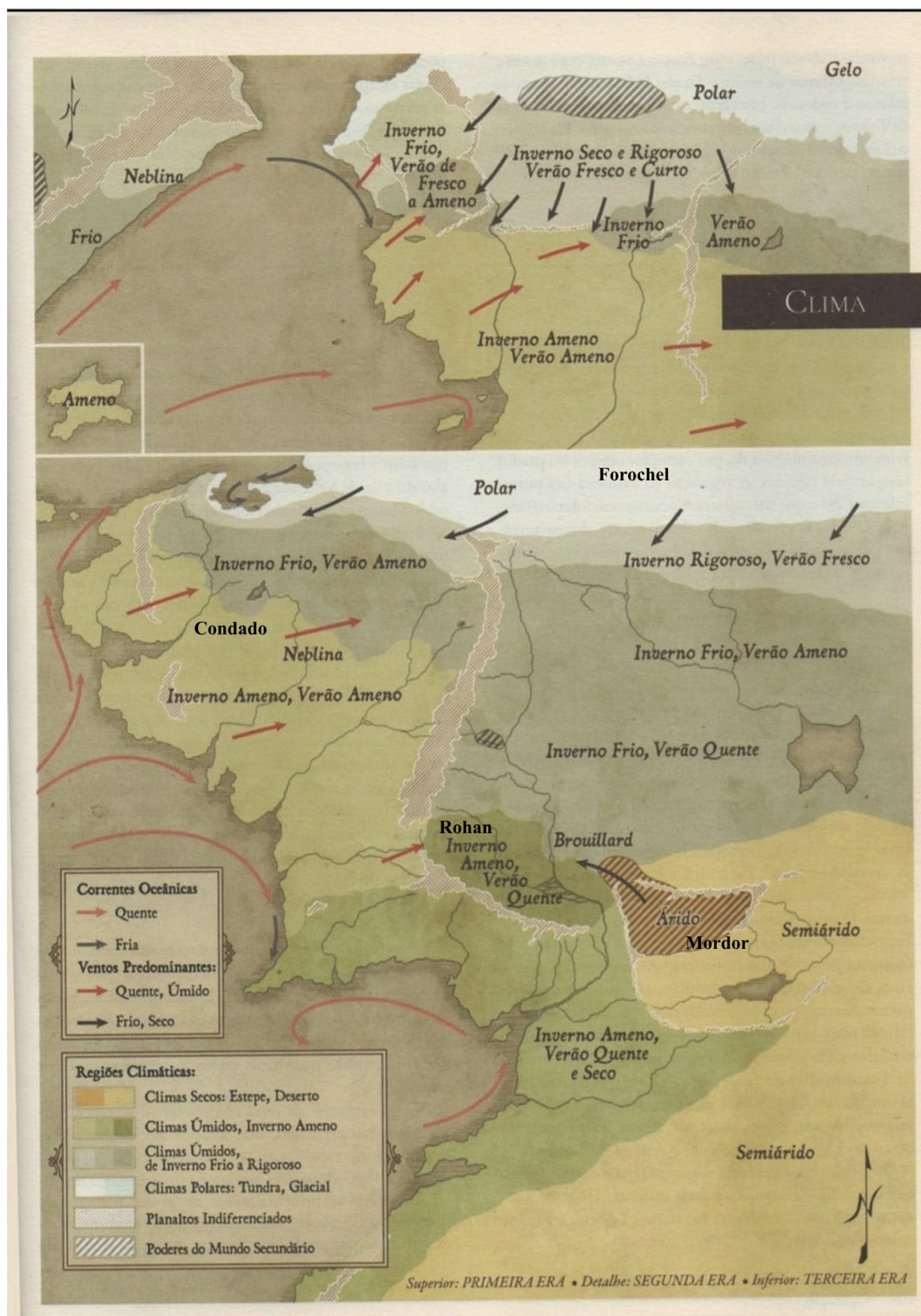
⁴ Foi adotado por padrão de realização das atividades/aulas dois tempos de aula do Colégio Pedro II, mas nada impede o docente que quiser aplicar alterar para melhor ser adaptado a sua realidade em sala de aula.

⁵ O anexo 1 é um conteúdo retirado do "O Atlas da Terra Média", foi colocado neste trabalho com o propósito de o leitor deste produto pedagógico conseguir ter os recursos necessários para colocar as atividades em prática.



Fonte: FONSTAD, 2022, p. 203.

Mapa Climático da Terra-Média (editado para facilitar localizar as regiões citadas):



Desenvolvimento da Atividade.

Etapa 1 – Leitura e Identificação (25 minutos)

O docente promoverá uma leitura coletiva do mapa climático da Terra-média identificando as diferentes zonas da legenda (Úmido, Seco e Polar). Neste momento, é fundamental que o professor utilize o mapa Clima e Correntes Marítimas do IBGE para demonstrar que, assim como no planeta Terra, a distribuição climática na Terra-média não é aleatória, mas resulta de fatores geográficos específicos. Em seguida, a turma, de forma colaborativa, deverá localizar no mapa cada tipo climático e relacioná-los com regiões de clima análogo no mundo real.

Etapa 2 – Investigação dos Fatores Determinantes (35 minutos)

Nesta etapa, os alunos serão organizados em 4 grupos. Cada grupo ficará responsável por investigar os fatores climáticos de uma região específica da Terra-média. O objetivo é que, com base na leitura do texto do Atlas e do mapa climático, junto com o material das aulas anteriores⁶, os grupos identifiquem e justifiquem os fatores que determinam o clima de sua região designada, que estarão separadas em forma de “questões centrais”.

Região 1: O Condado

Questão Central: Por que o clima do Condado é comparado ao da Inglaterra?

Evidências no Atlas da Terra-média: O Atlas associa explicitamente a maior parte de Eriador, onde se localiza o Condado, ao “Clima da Inglaterra e Norte da Europa Central” (FONSTAD, 2022, p. 202).

Tema geográfico a ser construído: Os alunos devem concluir que no Condado se trata de um Clima Temperado. Este clima é influenciado pelos ventos de oeste que transportam umidade do mar para o interior. Além disso, uma corrente marítima quente fictícia, análoga à Corrente do Golfo no mundo real, banha o litoral oeste, amenizando o inverno. A interação desses fatores com massas de ar quentes e úmidas de origem oceânica resulta em estações

⁶As atividades propostas não são recomendadas como aulas introdutórias para os conteúdos que abordam, uma vez que sua realização pressupõe conhecimentos prévios dos discentes sobre os temas para que haja maior aproveitamento pedagógico. Recomenda-se, portanto, que sejam aplicadas ao final do trabalho com cada conteúdo específico, funcionando como um momento de síntese e avaliação da aprendizagem. Dessa forma, é possível verificar se os alunos consolidaram os conceitos trabalhados ao longo das aulas, utilizando o universo da Terra-média como ferramenta de aplicação e fixação do conhecimento.

bem definidas, mas sem extremos de temperatura ou seca pronunciada. “Será que a latitude também não é semelhante?”

Região 2: Mordor

Questão Central: Quais fatores explicam a aridez e a paisagem estéril de Mordor?

Evidências no Atlas da Terra-média: Como descrito no Atlas, Mordor é majoritariamente uma região desértica, localizada a leste de cadeias montanhosas (FONSTAD, 2022, p. 202).

Resposta/Conceito Geográfico a ser construído: Os alunos devem concluir que Mordor apresenta um quadro climático complexo, combinando áreas áridas e semiáridas. O principal fator físico para a aridez generalizada é o efeito de sombra de chuva proporcionado pelas montanhas a oeste (sotavento), que bloqueiam a umidade dos ventos oceânicos, tornando o clima naturalmente seco. Na porção norte, onde se localiza o Monte da Perdição, predomina o clima árido, com chuvas escassas e solo intensamente degradado. A contínua atividade vulcânica do Monte da Perdição libera gases tóxicos (como dióxido de enxofre) que acidificam o solo e impedem o desenvolvimento da vegetação através das chuvas ácidas, agravando ainda mais as condições locais.

Já na porção sul, o Mar de Núrnem atua como um amenizador local, suas águas evaporam e geram umidade que alcança as terras ao seu redor, criando uma zona de clima semiárido, onde a vegetação, embora escassa, encontra condições ligeiramente mais favoráveis. Esta condição natural é drasticamente agravada em toda a região pela ação antrópica: as forjas, minas e indústrias de Sauron liberam fumaça e resíduos tóxicos, intensificando a poluição atmosférica e a degradação do solo. Dessa forma, Mordor apresenta uma paisagem resultante da combinação de barreira orográfica, atividade vulcânica concentrada no norte, presença de um corpo d'água interno amenizando o sul, e severa poluição industrial. Um paralelo possível no mundo real é o sudoeste dos Estados Unidos, onde o oeste do Arizona apresenta clima árido semelhante ao norte de Mordor, enquanto áreas próximas a corpos d'água, como a influência do Golfo do México, criam condições menos secas, obviamente sem levar em conta, e a poluição atmosférica de grandes centros como Los Angeles junto com a grande poluição presente devido a atividade industrial se pode se assimilar aos vapores nocivos da região⁷.

⁷O paralelo com o sudoeste dos Estados Unidos é traçado com base nas descrições do Atlas da Terra-Média (FONSTAD, 2022), não se tratando de uma correspondência exata, mas de uma aproximação didática entre as dinâmicas climáticas e ambientais do mundo real e as características apresentadas na obra.

Região 3: Ermos do Norte (Forochel)

Questão Central: Por que os Ermos do Norte são tão frios?

Evidências no Atlas da Terra-média: A autora menciona a “Baía de Gelo de Forochel” e a persistência do frio nos “Ermos do Norte” (FONSTAD, 2022, p. 202).

Resposta/Conceito Geográfico a ser construído: A conclusão deve apontar para um Clima Polar, determinado principalmente pela alta latitude. A baixa incidência de radiação solar ao longo do ano gera temperaturas permanentemente baixas. A presença da “Baía de Gelo” sugere a influência de uma corrente marítima fria, que esfria ainda mais o litoral e favorece a formação de gelo. A continentalidade também contribui, pois o interior das terras, distante da influência moderadora do mar, experimenta invernos ainda mais rigorosos, um possível paralelo seria o clima da Groelândia.

Região 4: Rohan

Questão Central: Rohan é uma região de pastagens. Seu clima é úmido ou seco?

Evidências no Atlas da Terra-média: O texto diz que “A leste das Montanhas Nevoentas, a influência marinha moderadora se perdia conforme disse Aragorn durante a viagem de barco para o sul: ‘estamos longe do mar. Aqui o mundo é frio até a súbita primavera’ Mesmo em Rohan, houve neve de novembro a março durante o Inverno longo, embora lá fosse normalmente ameno, como o encontraram Aragorn, Legolas e Gimli no final de fevereiro” (FONSTAD, 2022, p. 202).

Respostas/Conceito Geográfico a ser construído: O clima de Rohan pode ser classificado como um clima temperado de interior, com invernos normalmente amenos e verões quentes e relativamente úmidos. A região está situada a sudeste das Montanhas Nevoentas, o que faz com que a influência do mar seja reduzida e a continentalidade se torne mais forte, provocando maiores variações de temperatura e precipitação.

No entanto, a Fenda de Rohan, localizada a oeste de Rohan entre as montanhas Nevoentas e as Montanhas Brancas, funciona como um corredor natural que permite a entrada parcial de massas de ar quente e úmida vindas do oceano, o que diminui o efeito da continentalidade e torna o clima menos seco e mais equilibrado em relação às temperaturas. Isso pode ser percebido em comparação visto que a região de Rohan é a única depois das

Montanhas Nevoentas a possuir os invernos menos rigorosos. Essa combinação de relevo e massas de ar favorece o desenvolvimento das pastagens e campos abertos típicos das terras do Senhor dos Cavalos. O clima de Rohan se assemelha ao clima mediterrâneo presente em regiões como o sul da Califórnia e a bacia do Mar Mediterrâneo, onde os invernos são amenos e os verões quentes.

Etapas 3 – Sistematização e Comparação (20 minutos)

Para finalizar, cada grupo apresenta suas conclusões em uma breve exposição de até cinco minutos. Em seguida, a turma elabora de forma coletiva um quadro-síntese comparando as quatro regiões da Terra-média estudadas, listando os fatores climáticos preponderantes em cada caso.

Atividade 2: Relevo em Foco: Como o Chão Sob Nossos Pés Molda o Mundo

Objetivos de Aprendizagem:

Identificar as principais formas de relevo (montanhas, planaltos e planícies) no mapa da Terra-média;

Relacionar cada tipo de relevo às suas características morfológicas, compreendendo como essas feições influenciam em diferentes aspectos da organização espacial como o deslocamento de povos, a localização de cidades e fortalezas e o desenvolvimento de atividades econômicas.

Metodologia e Procedimentos:

A atividade será desenvolvida em três etapas sequenciais, com duração total de 1 hora e 20 minutos (2 tempos de aula do Colégio Pedro II).

Materiais Necessários:

Cópia do mapa físico da Terra-média (FONSTAD, 2022);

Texto com os principais conceitos da fundamentação a respeito do relevo da Terra-média (Anexo 1);

Material referente as aulas anteriores sobre Formas e Estruturas do Relevo;

Mapa referente às Formas de Relevo da Terra-média.

Mapa referente às Formas de Relevo da Terra-Média



Fonte: FONSTAD, 2022, p. 201.

Desenvolvimento da Atividade.

Etapa 1 - Leitura e Identificação (25 minutos)

O docente promoverá uma leitura coletiva do mapa “Formas de relevo da Terra-média”, identificando as diferentes formas de relevo apresentadas (cadeias de montanhas, planaltos e planícies). Em seguida os alunos, organizados em grupos, deverão localizar no mapa exemplos de cada tipo de relevo.

Etapa 2 - Investigação da Influência do Relevo (35 minutos)

Nesta etapa, cada grupo ficará responsável por investigar como o relevo influencia uma região específica da Terra-média. O objetivo é que, com base na leitura do texto do Atlas e do mapa físico, junto com o material das aulas anteriores, os grupos identifiquem e justifiquem como a forma do relevo condiciona a organização do espaço em sua região designada, que também estará orientada por uma “questão central”.

Região 1: As Montanhas Nevoentas

Questão Central: Por que as Montanhas Nevoentas são descritas como o “maior obstáculo para as viagens” e como isso afeta os povos da Terra-média?

Evidências no Atlas da Terra-média: O texto descreve que eram “as mais altas, pois eram cobertas de neve e parecem ter oferecido o maior obstáculo para o clima e para as viagens ao longo das eras” (FONSTAD, 2022, p. 200).

Resposta/Conceito Geográfico a ser construído: Os alunos devem concluir que as grandes cadeias de montanhas funcionam como barreiras físicas que dificultam ou direcionam o deslocamento. Sua grande altitude e extensão tornavam as travessias lentas, perigosas e restritas, isolando regiões, dificultando o comércio e as comunicações entre Leste e Oeste, e influenciando rotas de migração e estratégias militares. É possível um paralelo com os Montes Urais que, normalmente, são estudados pelos discentes ao final do 9º ano. Caso os alunos não tenham feito esse paralelo o docente pode o fazer na “Etapa 3”.

Região 2: O Planalto de Gorgoroth

Questão Central: Como as características do planalto de Gorgoroth influenciaram a localização das fortalezas de Mordor e sua estratégia de defesa?

Evidências no Atlas da Terra-média: O atlas descreve Gorgoroth como um “platô de lava” cuja superfície “de longe parecia ampla e desprovida de detalhes era na verdade toda fraturada e acidentada” (FONSTAD, 2022, p. 200).

Resposta/Conceito Geográfico a ser construído: Os alunos devem concluir que um planalto, mesmo sendo uma área elevada geralmente aplainada, pode oferecer um terreno

acidentado e de visão enganosa. Em Gorgoroth, isso foi aproveitado para a localização estratégica de fortalezas (como a torre de Sauron), que podiam ser ocultadas e protegidas pelas irregularidades do terreno. O relevo acidentado dificultava ataques em larga escala e favorecia a defesa, influenciando diretamente a organização do espaço militar e político de Mordor.

Região 3: As Planícies de Rohan

Questão Central: De que maneira o relevo plano das planícies de Rohan foi fundamental para o desenvolvimento da principal atividade econômica e da identidade cultural desse reino?

Evidências no Atlas da Terra-média: O texto classifica as “planícies de Rohan” como um exemplo de terras “planas” que se desenvolvem a partir de materiais transportados e depositados (FONSTAD, 2022, p. 200).

Resposta/Conceito Geográfico a ser construído: Os alunos devem concluir que as planícies são áreas topograficamente favoráveis para a atividades que demandam vastas extensões de terra contínua e solo fértil. Em Rohan, o terreno plano permitiu o desenvolvimento de extensas pastagens naturais, que se tornaram a base para a criação de cavalos. Essa atividade econômica não só sustentou o reino, mas também definiu sua cultura, organização social e poder militar, mostrando como o relevo pode moldar a economia e o modo de vida de um povo.

Etapa 3 - Sistematização e Comparação (20 minutos)

Para finalizar, os grupos socializam suas conclusões. Como produto final, elabora-se de forma coletiva um quadro síntese que compara as três regiões da Terra-média estudadas, listando a forma de relevo preponderante e sua principal influência na organização do espaço em cada caso, em uma breve apresentação de até cinco minutos para cada grupo.

Atividade 3: Geógrafos em Missão: Diagnóstico Ambiental da Terra-média

Objetivos de Aprendizagem:

Realizar a leitura sobre um território com base em descrições textuais, identificando sua cobertura vegetal original e suas alterações;

Distinguir processos de transformação da paisagem de origem natural daqueles de origem antrópica;

Produzir um parecer técnico sintetizando as transformações ambientais vistas na aula.

Metodologia e Procedimentos

A atividade será desenvolvida em três etapas sequenciais, com duração total de 1 hora e 20 minutos (2 tempos de aula do Colégio Pedro II).

Materiais Necessários:

Texto sobre a vegetação da Terra-média (anexo 1);

Material referente as aulas anteriores sobre vegetação na construção das paisagens.

Desenvolvimento da Atividade.

Etapas 1 - Leitura e identificação (20 minutos)

O professor introduz a atividade: A turma é uma equipe de geógrafos contratada para investigar os processos de alteração da cobertura vegetal em um continente conhecido como Terra-média, com base em registros históricos (o texto). A leitura é feita coletivamente, com o professor destacando termos-chave que definem o estado original (“floresta primitiva”, “pradarias”) e os agentes de mudança (“desmatamento”, “guerra” e “poder maligno”).

Etapas 2 - Elaboração do Diagnóstico (30 minutos)

Os alunos, organizados em pequenos grupos, recebem a seguinte tarefa, baseada no texto a seguir:

Missão: Elaborar um “Relatório de Diagnóstico Ambiental” composto por três tópicos.

No primeiro tópico, **Cenário Original**, os grupos devem descrever, com base no texto, como era a cobertura vegetal dominante antes das grandes transformações por exemplo, “extensas florestas temperadas cobriam grandes áreas, intercaladas por pradarias”.

O segundo tópico, **Agentes de Transformação**, consiste em listar e explicar dois principais fatores naturais ou humanos que, segundo o texto, alteraram essa paisagem. Como exemplos, podem ser citados o desmatamento para uso da terra, a devastação por conflitos bélicos ou a degradação por influência maligna ou poluição.

Por fim, no terceiro tópico, **Conclusão e Paralelo**, os alunos devem redigir uma conclusão que responda a seguinte questão: “O padrão de transformação da paisagem na Terra-média se assemelha mais a um processo natural ou antrópico (humano)?” A resposta deve ser justificada com base no texto e acompanhada de um exemplo similar do mundo real.

Etapa 3 - Apresentação e Síntese (30 minutos)

Cada grupo entrega seu relatório, o professor sintetiza as ideias no quadro, criando um brainstorm coletivo dos agentes de transformação e reforçando o conceito de impacto antrópico acumulado, destacando onde cada grupo fez suas principais observações, assim validando a pesquisa deles. A atividade fecha com a reflexão: “Como geógrafos, que recomendação fariam para a ‘gestão territorial’ da Terra-média com base nesse diagnóstico?”

Atividade 4: Medindo a Terra-média Escala, Conversões e a Mutabilidade das Unidades de Medida

Objetivos de Aprendizagem:

Compreender o conceito de escala cartográfica como relação matemática entre distância real e a distância no mapa;

Identificar diferentes unidades de medida históricas e sua variação no tempo e espaço;

Realizar conversões simples entre unidades de medida (léguas, milhas, quilômetros, metros, pés);

Refletir sobre a importância da padronização de unidades para a cartografia e para a vida prática.

Metodologia e Procedimentos:

A atividade será desenvolvida em três etapas sequenciais, com duração total de 1 hora e 20 minutos (2 tempos de aula do Colégio Pedro II).

Materiais Necessários:

Texto sobre as medidas na Terra-média (FONSTAD, 2022, p.11);

Calculadora ou papel para cálculos;

Exercícios estilizados, conteúdo presente no Anexo 2.

Desenvolvimento da atividade

Etapa 1 - O Problema do Cartógrafo (15 minutos)

Nas aventuras de O Senhor dos Anéis, os personagens percorrem grandes distâncias a pé, a cavalo ou de barco. Frodo e seus companheiros viajam da pacata região do Condado até as sombrias terras de Mordor, passando por florestas, montanhas e pântanos. Mas como saber, de fato, a distância percorrida? Como os mapas da Terra-média foram feitos se as medidas variam de um povo para outro?

O professor pode iniciar com uma provocação: “Imagine que você é um cartógrafo na Terra-média e recebe relatos de viajantes dizendo que certa cidade fica a ‘umas 50 léguas’ de distância. Um elfo de Valfenda, um anão de Erebor e um homem de Gondor podem ter ideias diferentes do tamanho de uma légua. Como resolver esse problema?”

O professor explica que, assim como no mundo real, na Terra-média existiam diferentes sistemas de medida. A légua, por exemplo, variava conforme a região e a época, o que representava um desafio para cartógrafos como Karen Wynn Fonstad ao tentar representar o mundo de Tolkien com precisão. A solução encontrada foi utilizar a légua númenóreana, estabelecida nos Contos Inacabados como equivalente a “aproximadamente três milhas”. O professor, caso ache necessário, pode realizar a leitura orientada desse trecho, que encontra respaldo no Atlas da Terra-Média (FONSTAD, 2022, p. 11).

Etapa 2 - Mãos a Obra: Desafios de Conversão (30 minutos)

Os alunos, organizados em duplas ou pequenos grupos, recebem dois “pergaminhos”: O primeiro contém um desafio e o segundo traz uma tabela para a conversão das medidas que serão necessárias para resolvê-lo. Ambos os materiais já estão estilizados para uso e disponíveis no Anexo 2. Os desafios consistem em problemas simples, elaborados com base no texto do Atlas. Durante a atividade, o professor circula pela sala auxiliando nos cálculos. Caso alguma dupla ou grupo termine antes do tempo previsto, o professor pode propor um desafio adicional. Se um grupo conseguir finalizar todos os desafios propostos, o docente pode oferecer algum tipo de recompensa, ficando a seu critério aplicar ou não essa estratégia.

Etapa 3 - Síntese e Discussão (35 minutos)

Após a socialização dos resultados da etapa anterior, o professor, a frente do quadro, conduz uma sistematização coletiva dos aprendizados da aula. O objetivo é levar os alunos a compreenderem a importância da padronização das unidades de medida como convenção necessária à comunicação, ao comércio e à produção do conhecimento geográfico. O professor lança uma questão central para a turma, “O que aconteceria se cada povo da Terra-média utilizasse uma unidade de medida diferente para calcular distâncias e tamanhos?”

À medida que os alunos levantam hipóteses provavelmente suscitadas graças aos desafios, o professor registra as principais ideias no quadro e as organiza em categorias, tais como:

- A) Problemas comerciais: dificuldade de estabelecer trocas justas e acordos territoriais;
- B) Problemas de deslocamento: imprecisão em rotas de viagem e estratégias militares;
- C) Problemas cartográficos: inviabilidade de representar o território de forma padronizada e confiável.

Em seguida, o professor sistematiza o conteúdo, explicando que a adoção de um sistema único de medidas como o Sistema Internacional de Unidades (SI) é um acordo social e científico que garante precisão, confiabilidade e comunicação universal. Destaca-se que, na Cartografia, a escala só é possível justamente porque existe uma unidade padronizada que permite representar proporcionalmente o real.

Para finalizar, o professor propõe um registro individual e escrito: “Em uma frase, explique por que a padronização das unidades de medida é importante para o cotidiano das sociedades.” Alguns alunos podem compartilhar suas respostas voluntariamente ao final, para conclusão da atividade.

Conclusão

Este trabalho partiu de uma inquietação pessoal e pedagógica: a necessidade de poder vir a tornar o ensino de Geografia e Cartografia mais significativo para os alunos do primeiro ano do Ensino Médio. A aproximação entre o universo ficcional de Tolkien e os conteúdos curriculares, mediada pelo livro *O Atlas da Terra-média* de Karen Wynn Fonstad, revelou-se uma possibilidade de caminho proveitoso para essa finalidade. Mais do que uma estratégia de motivação, a obra pode vir a ser capaz de funcionar como uma ponte consistente entre uma grande obra cultural e a linguagem científica da Geografia e Cartografia.

A pesquisa atingiu seu objetivo central ao desenvolver um guia com quatro propostas de atividades pedagógicas, cada qual explorando uma dimensão específica do conhecimento geográfico por meio da cartografia: os fatores determinantes do clima, as formas de relevo e sua influência na organização do espaço, as transformações antrópicas da paisagem vegetal e os conceitos de escala e conversão de unidades de medida. Tais atividades foram concebidas não como receitas fechadas, mas como possibilidades de trabalho que o professor pode adaptar a sua realidade, sempre tendo como prioridade o desenvolvimento dos alunos.

Do ponto de vista metodológico, o estabelecimento de paralelos entre a ficção e os conceitos cartográficos e geográficos, ancorado na leitura atenta de *O Atlas da Terra-média* (2022), da BNCC (2018) e do Projeto Político Pedagógico do Colégio Pedro II (2018), garantiu que as atividades propostas dialogassem com as exigências curriculares sem perder de vista o potencial lúdico da obra de Fonstad. A opção por estruturar as atividades em etapas sequenciais, com questões centrais e evidências textuais, oferece aos docentes um material que não apenas apresenta conteúdos, mas também orienta a mediação em sala de aula.

As observações desenvolvidas ao longo do trabalho permitem apontar que universos ficcionais, quando bem construídos, podem vir a ser aliados no ensino de Geografia e Cartografia. O caso da Terra-média é exemplar nesse sentido: a obra de Tolkien, pela riqueza de detalhes e pela consistência interna, fornece um terreno fértil para analogias que ajudam os alunos a compreender conceitos abstratos a partir de referências trabalhadas. O Atlas de Fonstad, por sua vez, valida essa aproximação ao aplicar convenções cartográficas reais a um mundo imaginário, demonstrando que a linguagem dos mapas transcende a representação do mundo físico e pode ser aplicada a qualquer espaço que possua uma lógica interna coerente.

As atividades desenvolvidas apontam para desdobramentos possíveis: a criação de novas propostas a partir de outros mapas do Atlas não explorados neste trabalho, a adaptação das atividades para outros anos do Ensino Fundamental e Médio, e até mesmo o estímulo para que os próprios alunos se tornem cartógrafos de seus mundos imaginários, exercitando na prática os conceitos aprendidos. Nesse sentido, o guia aqui apresentado não se pretende definitivo, mas sim um ponto de partida para que outros educadores possam explorar as potencialidades do Atlas da Terra-média e em outras cartografias ficcionais em suas práticas.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar o repertório de recursos didáticos disponíveis aos professores de Geografia, demonstrando que o ensino acadêmico e a ludicidade não são excludentes. Ao contrário, quando bem articulados, podem se retroalimentar, criando condições para uma aprendizagem que é, simultaneamente, crítica, significativa e engajadora. Que outros docentes, assim como este pesquisador, possam encontrar em seus próprios interesses e paixões a matéria-prima para transformar o ensino e inspirar seus alunos.

Referências bibliográficas:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Brasília: MEC, 2018.

COLÉGIO PEDRO II. Projeto Político-Pedagógico Institucional (PPPI). Rio de Janeiro, 2018.

DW. Os 20 anos de 'O Senhor dos Anéis'. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/os-20-anos-de-o-senhor-dos-an%C3%A9is/a-60084735>. Acesso em: 13 janeiro. 2026.

FABRÍCIO, Deyse Cristina Brito. Cartografia e o papel dos mundos fictícios: estudantes como mapeadores. Giramundo: Revista de Geografia do Colégio Pedro II, v. 4, n. 8, p. 91-98, 2020.

FONSTAD, Karen Wynn. O Atlas da Terra-média. São Paulo: HarperCollins Brasil, 2022.

HARLEY, John Brian. A nova história da cartografia. O Correio da Unesco, v. 19, n. 8, p. 4-9, 1991.

HARLEY, John Brian. Mapas, saber e poder. Confins: Revista Franco-Brasileira de Geografia, n. 5, 2009.

IBGE. Atlas geográfico escolar. 9. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

KATUTA, Ângela Massumi. A leitura de mapas no ensino de Geografia. Nuances: Estudos sobre Educação, v. 8, n. 8, 2002.

KATUTA, Ângela Massumi. A(s) natureza(s) da Cartografia. Geograficidade, v. 3, p. 7-21, 2013. Número especial de primavera.

LIBRARYTHING. The Lord of the Rings – J.R.R. Tolkien. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.librarything.com/work/1386651/t/The-Lord-of-the-Rings>. Acesso em: 13 janeiro. 2026.

NETO, José Calado. O ensino (do) mapa e o ensino (pelo) mapa. *Metodologias e Aprendizado*, v. 4, p. 225-231, 2021.

PISSINATI, Mariza Cleonice; ARCHELA, Rosely Sampaio. Fundamentos da alfabetização cartográfica no ensino de Geografia. *Geografia (Londrina)*, v. 16, n. 1, p. 1-28, 2010.

QUINTANILHA, Bruno Lins. Cartografia e ensino: uma análise da abordagem de mapeamento participativo como possibilidade para a educação geográfica. 2021. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia, Rio de Janeiro, 2021.

RIO DE JANEIRO (Estado). Secretaria de Estado de Educação. Currículo de Geografia: Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio – 2026. Rio de Janeiro: SEEDUC-RJ, 2026.

TAVARES, Felipe; COSTA, João; FARIA, Richard. Cartografia e fantasia: desenvolvendo a cidadania e os raciocínios geográficos a partir das autorias infantis. *Metodologias e Aprendizado*, v. 6, p. 175-183, 2023.

TECMUNDO (Voxel). Melhores jogos de O Senhor dos Anéis de todos os tempos. 2022. Disponível em:
<https://www.tecmundo.com.br/voxel/247834-melhores-jogos-senhor-aneis-os-tempos.htm>.
Acesso em: 13 janeiro. 2026.

Anexos

Anexo 1:

Trechos de “O Atlas da Terra-Média”

INTRODUÇÃO

Tolkien afirmou em “Sobre Estórias de Fadas” que “Feéria [...] abriga os mares, o sol, a lua, o céu, a terra e todas as coisas que estão nela: árvores e pássaros, água e pedra, vinho e pão e nós mesmos, homens mortais, quando estamos encantados.”¹ Fiel a esse conceito, Tolkien incluiu, em vários graus, todos os principais componentes do nosso Mundo Primário: formas de relevo, minérios, tempo e clima, vegetação natural, agricultura, unidades políticas, distribuição da população, raças, línguas, rotas de transporte e até mesmo tipos de casas. Contudo, ele foi além de meramente descrever esses componentes individuais, o que seria tedioso e artificial. Em vez disso, ao combinar cuidadosamente cada elemento, produziu a mesma qualidade que acreditava ser tão essencial para a credibilidade de uma ambientação imaginária: “a consistência interna da realidade”.² Suas imagens foram tão bem-sucedidas que o cenário parece ter se tornado um mundo vivo em que poderíamos caminhar, respirando com Frodo e Sam o ar fresco e perfumado de Ithilien, se pudessemos simplesmente encontrar o caminho.

Embora parte de um sistema unificado, vale a pena avaliar cada componente por si só. Formas de relevo eram mais do que simplesmente o palco em quem a história foi encenada. Essas características físicas foram os resultados visíveis da luta entre o bem e o mal, os Valar e Melkor e Sauron.³ Foram as feridas de batalha da terra. As colinas e as montanhas, vales e planícies, pareciam quase animados em sua habilidade para atrapalhar ou ajudar as jornadas dos vários viajantes. Desde os primeiros Elfos, impedidos de migrar para o Oeste pelas torrencias Montanhas de Névoa, até a Sociedade do Anel, esforçando-se para chegar ao regaço de Caradhras milhares de anos mais tarde, as montanhas intimidaram aqueles que ousaram desafiar sua supremacia.⁴

O clima, e especialmente o tempo, eram muito importantes nos contos de Tolkien. As neves impeliram Beren de Dorthonion, e a Sociedade, do Passo do Chifre-vermelho. Tempestades assustaram os Orques que haviam capturado Túrin e forçaram Thorin e Companhia a buscarem abrigo. A neblina escondeu as terras a oeste do Gelo Pungente, fez os Hobbits se perderem nas Colinas-dos-túmulos e cobriu o caminho de varação de Sarn Gebir. Em uma terra de ventos ocidentais predominantes, os ventos do Leste cheios de fumaça de Sauron atingiram as Eryn Muil orientais e enviaram tempestades em uma direção atípica.⁵

A vegetação era essencial não apenas para enriquecer o cenário, mas também para fornecer outro meio pelo qual as forças do bem e do mal, alegria e medo, poderiam alcançar os viajantes. Embora Tolkien tenha incluído uma completa

gama de flora, desde as gramas curtas e secas das Colinas até os majestosos mellyrn torrencias de Lórien, seu amor pelas árvores e conhecimento sobre elas era evidente pela importância que colocou nas florestas. Ele afirmou claramente esse amor por meio de Yavanna: “Todos têm seu valor ... [mas] as árvores me são caras”.⁶

A inserção de seres vivos completou o conjunto de imagens, e sua distribuição contou uma história em si mesma. Com raras exceções, os seres malignos pareciam capazes de produzir mares de inimigos — dos Orques, Balrogs e dragões de Morgoth, tão numerosos que toda a planície de Anfauglith não podia contê-los,⁷ até o exército de Sauron na Guerra do Anel, grande o suficiente para enviar forças contra Minas Tirith, Lórien, o reino de Thranduil, Valle e Erebor, e ainda restar um número esmagador para lutar no Portão Negro. Contra eles, as forças do bem podiam, às vezes, ter o domínio por terem uma vontade maior do que os desafios que enfrentavam, mas raramente eram mais numerosos que seus inimigos.

Batalhas não eram o único modo de mostrar a importância das pessoas. A Terra-média parecia imensamente despovoada nas terras ocidentais, e isso aumentou a solidão e isolamento que os viajantes devem ter sentido enquanto se arrastavam por terrenos acidentados, longe dos amigos, sem aliados contra os seres malignos que os perseguiam. Como era satisfatório chegar a um refúgio onde se podia encontrar algo próximo de um conforto familiar. Como Frodo e Sam descobriram em Henneth Annûn, como era bom, depois de “dias passados no ermo solitário ...”, beber vinho de um amarelo pálido ... e comer pão e manteiga, carnes salgadas, frutas secas e bom queijo vermelho, com mãos limpas e facas e pratos limpos”.⁸

Os mapas seguintes tentam, de um modo bem mais mundano, traçar individualmente os padrões de cinco elementos importantes que Tolkien incluiu em seu mundo: formas de relevo, clima, vegetação, população e as amadas línguas de Tolkien. Ao examinar os mapas, o leitor deve ter em mente que, apesar das numerosas passagens com informações, nem toda região foi igualmente abordada por Tolkien. Para aquelas que foram discutidas em suas histórias, o mapa não poderia ser mais preciso do que a interpretação dos dados por parte da cartógrafa. Nesses mapas, mais do que em qualquer outro lugar neste atlas, foi essencial aceitar os padrões e processo normais da Terra-média como sinônimos dos de nosso Mundo Primário, a menos que os poderes do Mundo Secundário (sejam eles bons ou maus) estivessem afetando a mudança.

FORMAS DE RELEVO

As referências e avaliações detalhadas para as principais características do relevo estão incluídas nos diversos mapas regionais de Valinor, Númenor, Beleriand e outros territórios conhecidos da Terra-média.¹ Este mapa é meramente um diagrama composto. Os mapas de Tolkien incluíam todas as cadeias de montanhas, exceto as Pelóri e as Montanhas de Ferro, assim como as colinas. Contudo, havia muitas áreas onduladas e mesmo alguns terrenos bastante acidentados não incluídos, devido às dificuldades cartográficas em mostrar um relevo tão baixo. De modo geral, pressupõe-se que quanto mais próxima das montanhas era a terra, mais acidentada ela se tornava; e terras verdadeiramente planas eram encontradas apenas onde houvesse pântanos ou planícies aluviais.

Montanhas

As duas maiores cadeias de montanhas nunca foram mapeadas por Tolkien: as Pelóri e as Montanhas de Ferro (Ered Englin). Elas foram ilustradas como sendo extremamente altas e largas. As Pelóri, segundo a descrição de Tolkien, tinham uma escarpa íngreme, semelhante a uma falha, voltada para o mar, e encostas ocidentais mais suaves, oferecendo o máximo de proteção contra o mundo exterior.² As Montanhas de Ferro foram mostradas de modo semelhante, mas com penhascos voltados para o Sul.

Os planaltos centrais do sul das Montanhas de Ferro e norte de Beleriand pareciam ser platôs, embora fossem delimitados por montanhas.³ As Echoriath e as Ered Gorgoroth na face sul de Dorthonion eram as mais altas delas. Das montanhas que foram mapeadas a leste de Beleriand, as Montanhas Nevoentas e as Brancas foram mostradas como as mais altas, pois eram cobertas de neve e parecem ter oferecido o maior obstáculo para o clima e para as viagens ao longo das eras.⁴ As Montanhas de Mordor, embora tivessem apenas três passos (Cirith Gorgor, Cirith Ungol e o Passo de Morgul), evidentemente não eram cobertas de neve e, portanto, eram mais baixas.⁵

Colinas e Platôs

Contrafortes eram encontrados, provavelmente, adjacentes a todas as cadeias de montanhas, mas sempre que os viajantes passavam por eles, isso era afirmado. Nas colinas ondulantes de Lindon, a oeste das Montanhas Azuis, Finrod encontrou os Homens Mortais.⁶ Tuor passou pelas "colinas desordenadas" no sopé das Echoriath.⁷ A oeste das Montanhas Nevoentas, terras acidentadas se estendiam ao sul da Charneca Etten através da Terra Parda. As Matas dos Trols eram muito tortuosas.⁸ Próximo a Valfenda, parecia quase um platô, pois as charnecas erguiam-se em uma "única vasta encosta",⁹ embora

fossem marcadas por ravinas profundas. Ao sul de Valfenda, as terras eram mais erodidas. Essa topografia se estendia pela Terra Parda e, provavelmente, por todo o caminho até o Desfiladeiro de Rohan.¹⁰ Ao norte das Montanhas Brancas, as colinas dos faróis se amontoavam perto dos penhascos do Norte; enquanto as colinas ao sul da cordilheira se estendiam nessa direção para bem longe da cadeia principal, formando até mesmo a costa acidentada perto de Dol Amroth.

O único platô além dos de Beleriand e perto de Valfenda era o platô de lava de Gorgoroth no noroeste de Mordor.¹¹ Assim como com as charnecas próximas a Valfenda, a impressão inicial de suavidade era enganosa: "a planície [de Gorgoroth] que de longe parecera ampla e desprovida de detalhes era na verdade toda fraturada e acidentada".¹²

Camadas de rocha sedimentar decorrentes da erosão de várias montanhas e de outras áreas de dobramentos mais amplos produziram cristas alternadas e planícies. As mais evidentes colinas eram aquelas conhecidas como colinas de giz [*downs* em inglês], e eram encontradas em Númenor, em Eriador, e ao redor do Descampado. O *abaulamento* escalado pelos Hobbits em Ithilien do Norte foi produzido pelo mesmo processo erosivo, mas era mais íngreme que as colinas de giz.¹³ Duas cristas em Beleriand podem também ter sido erosivas: o afloramento se estendendo a partir das charnecas próximas ao Amon Rûdh até as cascatas do Esgalduin e Andram, a Longa Muralha.¹⁴ Ambas eram voltadas para o Sul, então não estavam se erodindo dos Planaltos Centrais.

Planícies e Terras Baixas Ondulantes

Terras baixas e planas se desenvolvem onde há um estrato de rocha fraco ou onde as montanhas próximas fornecem materiais aluviais que correm pelas terras próximas aos seus sopés. Tolkien descreveu especificamente várias áreas planas: Ard-galen e Lothlann aos pés das Montanhas de Ferro; ao norte de Andram, nos Alagados do Crepúsculo; as planícies de Rohan e Rhovanion; Dagorlad, a dura planície da batalha; e Lithlad, a planície de cinzas.¹⁵ A menos que falésias costeiras aparecessem nos mapas de Tolkien (como as de Ñevrast, Númenor e perto de Dol Amroth),¹⁶ as praias foram consideradas planícies costeiras.

Longe dessas planícies especificamente mencionadas, o solo era provavelmente mais ondulado, pois estaria mais sujeito à ação das torrentes de água, em vez aluviões. Porém, em algumas áreas do Norte, especialmente nas Terras-selváticas setentrionais, o solo parecia ser coberto por glaciação continental e talvez tivesse colinas formadas por deposição, assim como por erosão.¹⁷ Muito da viagem se passou nessas terras onduladas. A topografia suave teria acelerado os viajantes, embora mesmo nessas áreas menos acidentadas, outros fatores poderiam retardar ou acelerar o seu progresso.

CLIMA

Regiões climáticas amplas podem ser definidas com base em temperaturas e precipitações tanto anuais quanto sazonais.¹ O leitor pode visualizar mais facilmente as classes no mapa climático da Terra-média ao compará-las com exemplos de nosso próprio mundo.

Clima úmido

Inverno ameno, verão ameno	Inglaterra, norte da Europa central, oeste do Oregon
Inverno ameno, verão quente e seco	Região do Mar Mediterrâneo, sul da Califórnia
Inverno ameno, verão agradável; a inverno rigoroso, verão fresco	Europa Ocidental, Arkansas ao Wisconsin

Climas Secos

Árido	Arábia, oeste do Arizona, Nevada
Semiárido	Irã, Grandes Planícies (por exemplo, leste do Colorado)

Climas Polares

Tundra	Costas setentrionais da antiga União Soviética, Alasca, Canadá
Glacial	Groenlândia central

Valinor não estava sujeita a controles físicos como a Terra-média.² Mesmo sem os poderes etéreos, a latitude das regiões próximas a Tirion (que estava perto do Cinturão de Arda³), provavelmente era agradável o ano todo. Na costa norte de Araman fazia frio, e Oiomúre estava sujeita a neblina intensa devido ao contato entre a água do mar quente e o Gelo Pungente.⁴

Os territórios conhecidos da Terra-média foram baseados, provavelmente, na latitude da Europa, pois a Europa fica em uma faixa de ventos predominantemente ocidentais, como era a Terra-média. Tolkien mencionou os ventos ocidentais numerosas vezes: em Nevrast, no Condado, nas Colinas-dos-túmulos, nas Matas dos Trols, na Montanha Solitária, em Gondor, e mesmo em Mordor depois da Batalha de Pelennor.⁵ Portanto, o *clima oceânico temperado* — ameno, mas relativamente frio — da Inglaterra e Norte da Europa Central foi mostrado no norte de Númenor, Beleriand e na maior parte de Eriador. Beleriand, incluindo Nevrast, tinha invernos amenos antes de crescer o poder de Morgoth.⁶ Os Planaltos Centrais eram mais frios, não apenas pelas altas elevações, mas também porque recebiam

tudo o impacto dos ventos gelados de Morgoth durante o inverno. Himring era o “Sempre-frio” e, pelo Passo do Aglon, “um vento cortante soprava”.⁷ Em Hithlum, o ar era fresco e no inverno fazia frio.⁸ Os planaltos também bloqueavam os ventos do Sul, reduzindo a chuva, então Ard-galen e Lothlann eram terras de pastagem.⁹

Durante a Segunda e Terceira Eras, depois da submersão de Beleriand, o efeito dos ventos marítimos provavelmente se deslocou mais para Eriador. As Montanhas Azuis absorveriam um pouco da umidade, nutrindo as florestas em suas encostas ocidentais, mas a abertura do Golfo de Lûn e a longa costa no sudoeste de Eriador poderiam neutralizar o efeito da montanha, conferindo ao Condado o clima da Inglaterra. Apenas a cem léguas ao Norte, porém, em torno da Baía de Gelo de Forochel, o frio de Morgoth persistia e uma vez foi piorado pelas geadas de Angmar.¹⁰ Aparentemente, isso se aplicava para todos os Ermos do Norte, então, aproximando-se da região fria, os invernos eram, sem dúvida, mais rigorosos. A leste das Montanhas Nevoentas, a influência marinha moderadora se perdia. Conforme disse Aragorn, durante a viagem de barco para o sul: “estamos longe do mar. Aqui o mundo é frio até a súbita primavera”.¹¹ Mesmo em Rohan, houve neve de novembro a março durante o Inverno Longo,¹² embora lá fosse normalmente ameno, como o encontraram Aragorn, Legolas e Gimli no final de fevereiro.¹³

Montanhas frequentemente produzem climas de estepe, ou mesmo de deserto em suas encostas a sota-vento; embora esse não fosse o caso nem das Montanhas de Névoa nem das Brancas. Os pastos de Rohan poderiam ter resultado desse efeito *sombra de chuva*, mas, no leste das Montanhas de Névoa, havia florestas extensas — talvez devido à menor evaporação no ar mais frio do Norte.

As únicas terras áridas especificamente mencionadas foram as Terras-de-Ninguém próximas ao Portão Negro.¹⁴ A aridez deve ter ocorrido devido a vapores nocivos mais do que à falta de precipitação.¹⁵ Ainda assim, verões secos são a regra em torno do Mar Mediterrâneo, e as terras de estepe e deserto ficam tanto ao Sul quanto a Leste do Mediterrâneo; então, seria possível que Tolkien imaginasse o mesmo padrão em torno da Baía de Belfalas. O amargor do Mar de Núnnen e a desolação de que Dagorlad era uma planície pedregosa (possivelmente, um *pedimento*,¹⁶ que ocorre apenas em climas áridos) reforça a probabilidade de Mordor ser climaticamente árido assim como quimicamente despojado.

Climas de latitudes médias são o campo de batalha entre as massas de ar polar frio e tropical quente, produzindo um cinturão de *ciclones* que se move do Oeste para o Leste através das terras. Com eles, vão as frentes conhecidas: *Frentes Frias*, com

trovoadas e chuvas torrenciais; *Frentes Quentes*, com suaves e agradáveis chuvas de verão; e *Frentes Oclusas*, com garoas de inverno duradouras. Esses eram os mecanismos mais comuns de Tolkien, com o clima bem associado à narrativa. Ele utilizou o clima normal e acrescentou força e tempo sobrenaturais. Sistemas climáticos inteiros foram até mesmo superpostos pelos

poderes do Mundo Secundário — bons poderes vivendo em climas excepcionalmente agradáveis e amenos (notadamente em Valinor e Lórien¹⁷); e poderes malignos de Morgoth, Sauron e Angmar produzindo climas frios e rigorosos.¹⁸ Assim, Tolkien mais uma vez demonstrou sua maestria em utilizar o natural para enfatizar o sobrenatural.

VEGETAÇÃO

Tolkien mapeou os principais elementos de vegetação, mas o mapa que acompanha tentou delinear as regiões de vegetação previamente não mapeadas também. O pressuposto foi que, se qualquer viajante cruzasse uma região e nenhuma característica específica fosse mencionada, havia provavelmente uma mistura de, por exemplo, campos ou prados com árvores esparsas. A vegetação da Primeira Era provavelmente era o que naturalmente ocorria sem interferência. A da Terceira Era resultou de sobrepastoreio, desmatamento e queimadas, devastações pela guerra e pelos ventos pungentes, e, de modo geral, por milênios de abuso.

Florestas e Regiões Arborizadas

Originalmente, uma floresta primitiva cobria grandes áreas da Terra-média. Barbárvore disse que, certa vez, ela havia estendido “daqui [Fangorn] até as Montanhas de Lûn, e esta era apenas a Extremidade Leste”.¹ As florestas também cresciam a oeste das Montanhas Azuis e a leste do Grande Rio. Havia grandes variações de espécies e árvore nessa ampla extensão de floresta.² Trevamata Meridional estava “envolta em uma floresta de escuros abetos”;³ embora próximo às cavernas de Thranduil houvesse estandes maciços de carvalhos e faias.⁴ Fangorn e a Floresta Velha, embora “escura e enredada”,⁵ eram aparentemente menos densas do que Taur-im-Duinath, a Floresta entre os Rios ao sul de Beleriand, tão selvagem que até mesmo os elfos raramente tentavam penetrar suas fronteiras.⁶ As árvores de Doriath eram tão distintas que se dividiam em, pelo menos, três partes: Nivrim, carvalhos; Neldoreth, faias; e Region, uma floresta mais densa e misturada.⁷ É significativo que as árvores defronte às portas de Menegroth e aquelas nas cavernas de Thranduil fossem faias, pois estandes não mesclados se assemelhavam a catedrais verdes com os troncos formando pilares cinzentos e lisos sobre um tapete de grama.⁸ Essa descrição é muito parecida com o cenário de Lórien, e os *mellyrn* eram muito parecidos com as faias menos mágicas, embora as folhas de *mallorn* fosse maiores.⁹ De fato, *malinornelion* (como Barbárvore se referia a Lórien), traduz-se como “faia dourada”.¹⁰

As florestas de coníferas como as que ocupam vastas áreas do Alasca, Canadá e o norte da Ásia quase não existiam na Terra-média.¹¹ Aparentemente, a única floresta de coníferas além do sul de Trevamata era a que ficava nas fronteiras norte e oeste de Dorthonion.¹² As coníferas espalhavam-se por outros lugares em localizações apropriadas, como no alto do vale de Valfenda e a leste dos túneis dos Gobelins onde Thorin e Companhia foram cercados por lobos.¹³

Havia terras florestais com árvores latifoliadas ou uma mistura de latifoliadas/coníferas espalhadas pelas terras, mas não foram mapeadas. Algumas eram bem extensas. Elas ficavam em vales montanhosos, a saber: oeste das Montanhas Azuis em Ossiriand, sul e leste das Ered Wethrin de Hithlum, nos dois lados das Montanhas Nevoentas e a oeste de Ephel Dúath em Ithilien.¹⁴ As regiões montanhosas também tinham matas: Taur-en-Faroth sobre Nargothrond,¹⁵ a Floresta Chet a leste de Bri,¹⁶ e as Matas dos Trolls.¹⁷ As florestas a leste das Montanhas Azuis podem ser remanescentes dos estandes primitivos, pois ao final da Segunda Era a maior parte da floresta original havia sido derrubada.¹⁸ Embora muito dessa área de desmatamento tenha sido abandonada conforme a população diminuía, as florestas não se reestabeleceram.

Pradarias e Ermeos

Algumas regiões comportavam apenas árvores atrofiadas ou nenhuma. As mais apazíveis dentre essas terras eram as pradarias de capim alto de Ard-galen, Lothlann e Rohan. Todos eles forneciam rica pastagem para os cavalos.¹⁹ As Colinas de Himiring, as várias Colinas de Giz, as Colinas do Vento e o Deſcampado eram mais áridos, cobertos apenas por capim baixo.²⁰

Vastas extensões de terra comportavam alguns arbustos e árvores atrofiadas, mas aqueles que sobreviveram normalmente espalhavam-se afastados pela paisagem desolada. Parte dessa área devastada ocorria naturalmente, mas devia-se principalmente ao poder maligno de Morgoth ou Sauron. Arbustos espinhosos substituíram os pinhais do norte de Dorthonion depois da Batalha da

Chama Repentina.²¹ As terras de Azevim e o sul de Terra Parda, outrora verde e bela, foram devastadas quando Sauron destruiu Ost-en-Edhil e Saruman voltou-se para o mal.²² Bétulas retorcidas agarravam-se a rochas a leste das Eryn Muil e arbustos espinhosos cresciam no vale entre Ephel Dúath e o Morgai, graças aos violentos ventos a leste de Mordor.²³

As terras mais próximas dos poderes do mal eram as mais afetadas, e nada crescia ali. Depois da Batalha da

Chama Repentina, Ard-galen a “planície verdejante”, tornou-se Anfauglith, a “Poeira Sufocante” — um deserto estéril e arenoso.²⁴ Os campos férteis das Entesposas foram tão devastados que nem mesmo grama crescia nas Terras Castanhas.²⁵ Havia áreas desoladas nas portas de Angband, na Montanha Solitária, quando Smaug estava presente, e no Portão Negro de Mordor.²⁶ Porém, diante dos portões da Torre Sombria de Barad-dûr ficava a mais erma de todas as terras — um deserto vulcânico fervente.²⁷

POPULAÇÃO

Da mesma maneira que acontece com as populações de nosso Mundo Primário, os Povos Livres de Tolkien espalhavam-se e retraíam-se com o ir e vir dos tempos. Três datas foram escolhidas como as mais importantes entre os diversos contos: a Primeira Era, durante a Longa Paz;¹ a Segunda Era, apenas em Númenor; e a Terceira Era, logo antes da Guerra do Anel. Com poucos dados fornecidos, apenas densidades relativas foram mostradas.

A Primeira Era

Quando os Noldor retornaram de repente de Valinor, encontraram a maior parte de Beleriand já ocupada por povos muito mais numerosos do que eles:² os Sindar e os Elfos-verdes de Ossiriand. Os Noldor, portanto, estabeleceram-se nas terras altas acidentadas do norte de Beleriand, cercado Morgoth.³ Algumas regiões estavam vazias: Lammoth, Ard-galen e Lothlann; Nevrast, depois de a gente de Turgon se mudar para Gondolin; terras altas acidentadas, como Dorthonion central, Dimbar; o Vale da Morte Horrenda, onde Ungoliant habitava; terras pantanosas, e a floresta emaranhada de Taur-im-Duinath.⁴ Durante a Longa Paz, os Homens Mortais apareceram pela primeira vez, somando-se aos Elfos. Muitos ficaram a leste de Doriath, em Estolad. Aqueles que saíram, estabeleceram-se no nordeste de Dorthonion, a Floresta de Brethil, e ao norte e sul das Ered Wethrin.⁵ Dois outros Povos Livres também viviam em terras ocidentais — os Anãos e os Ents. Os Anãos mineravam no lado leste das Montanhas Azuis, com suas duas grandes minas em Belegost e Nagrod.⁶ Embora eles fossem para Beleriand para trabalhar, sua presença era transitória.⁷ Os Ents aparentemente caminhavam nas florestas, pois a canção de Barbárvore falava de muitas delas,⁸ e os Ents deram fim aos Anãos que mataram Thingol.⁹

A leste das Montanhas Azuis, os Elfos Escuros e os Ents percorriam as vastas florestas, enquanto os Homens encaminharam-se para regiões mais abertas. Conforme se antepassavam dos Edain migravam para o Oeste, alguns se estabeleciam ao longo da estrada: a leste de Trevamata, no vale do Anduin e em Eriador. Eles se tornaram ancestrais de Rhovanion, dos

Homens-da-floresta, dos Beornings, dos Homens de Valle e dos Homens encontrados por Aldarion na Segunda Era.¹⁰ Homens de origens diferentes povoaram os vales das Montanhas Brancas, mudando-se para o norte da Terra Parda, chegando até mesmo a Bri.¹¹ Em algumas dessas mesmas regiões viviam os Drúedain, antecessores dos Homens Selvagens da Floresta Drúadan. Alguns deles teriam até mesmo se mudado para Brethil.¹² Outros Homens viviam longe, ao Leste e ao Sul, em Rhûn e Harad.¹³ Os Homens se encaminharam até para as terras geladas próximas às Montanhas de Ferro. Eram os Forodwaith, os “povos do norte”. Seus descendentes, os Lossoth, permaneceram naquela região fria mesmo depois de as terras ocidentais afundarem.¹⁴

A Segunda Era

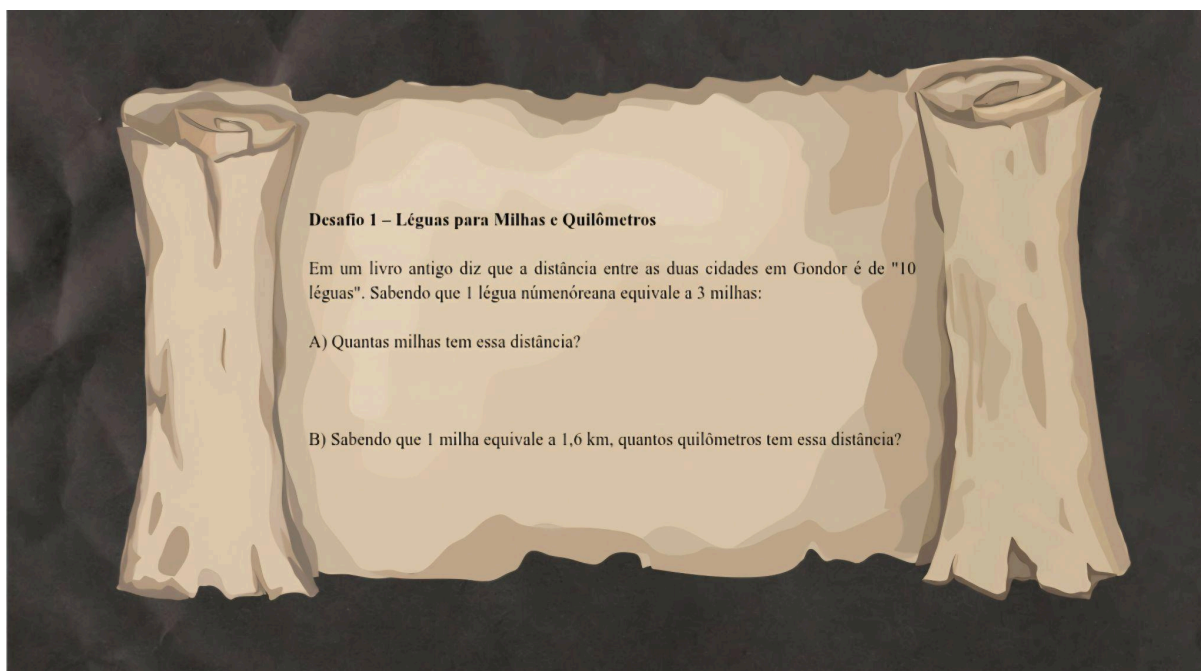
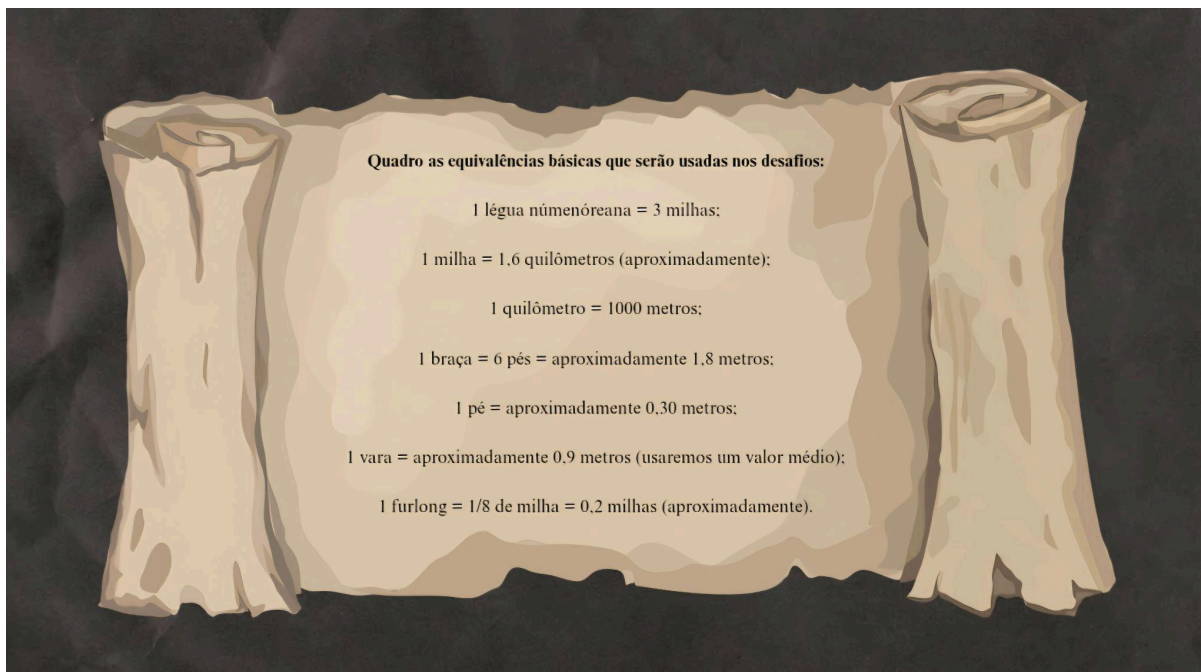
Em Númenor, os Edain que para lá se mudaram espalharam-se pela nova terra e multiplicaram-se muito até o fim da Era. A região mais densamente povoada era Arandor, a “Terra-do-Rei”, que incluía as cidades de Armenelos e Rómenna.¹⁵ O porto de Andúnië também havia sido grande no início da Era, mas foi gradualmente abandonado conforme os Edain se apartavam dos Elfos.¹⁶

Havia outros portos na costa oeste e vilas pesqueiras ao Sul, mas a maior parte da ilha era rural, com uma população grande de fazendeiros, pastores e lenhadores. Apenas o Meneltarma, as sombrias colinas do Norte e os brejos do Sul eram completamente vazios.¹⁷

A Terceira Era

A população da Terra-média, ao fim da Terceira Era, apresentava-se extremamente esparsa. Os Elfos continuaram a velejar para o Oeste até que aqueles no nordeste de Trevamata, Lórien, Valfenda e nos Portos Cinzentos fossem os únicos restantes.¹⁸ Os Anãos foram rechaçados de suas casas nas Montanhas Nevoentas e Cinzentas e encontravam-se principalmente nas Montanhas Azuis, nas Colinas de Ferro e na Montanha Solitária.¹⁹ O reino de Arnor ficou praticamente despovoado pela guerra e pela peste.²⁰ Em todas as vastas terras de Eriador, os únicos assentamentos aparentes

Anexo 2:
Tabela para as conversões e “Pergaminhos” dos Desafios



Desafio 2 – Comparando Léguas Diferentes

Um mensageiro em Rohan diz que uma fortaleza inimiga está a "20 léguas ao norte". Usando a légua númenóreana (3 milhas), calcule:

- A) A distância em milhas.
- B) A distância em quilômetros.
- C) Agora imagine que um antigo documento da região usa uma légua de 4 milhas. Qual seria a distância em milhas e quilômetros usando essa medida antiga? Qual a diferença entre as duas medidas em quilômetros?

Desafio 3 – Braças e Pés

Um pergaminho dos Elfos menciona que um abismo em Moria tem 50 braças de profundidade. Sabendo que 1 braça equivale a 6 pés:

- A) Quantos pés de profundidade tem o abismo?
- B) Sabendo que 1 pé equivale a aproximadamente 0,30 metros, quantos metros tem o abismo?

Desafio 4 – Varas e Metros

Um poço em Númenor tem 10 varas de profundidade. Usando a vara como aproximadamente 0,9 metros:

A) Quantos metros tem o poço?

B) Se uma vara antiga media 1,1 metros, qual seria a profundidade em metros? Qual a diferença entre as duas medidas?

Desafio 5 – Furlongs no Condado

Um fazendeiro do Condado diz que seu campo tem 2 furlongs de comprimento. Sabendo que 1 furlong equivale a $\frac{1}{8}$ de milha (0,125 milhas):

A) Quantas milhas tem o campo?

B) Quantos quilômetros tem o campo? (Use 1 milha = 1,6 km)

